
LAVOURA ARCAICA: TRADIÇÃO, DESEJO E RELIGIÃO

Carla Vanessa Santos Andrade¹
Cristiane da Costa Menezes²

Resumo

Este estudo tem como objetivo fazer uma análise das relações familiares, dentro da obra “Lavoura Arcaica” de Raduan Nassar. Nessa obra é visível a disputa entre a tradição arcaica de uma família libanesa, que vive como se ainda participasse de uma daquelas parábolas da bíblia e uma nova forma de vida que se pretende ser instaurada através de André um dos filhos, que alimenta um desejo veemente por Ana, sua irmã mais nova.

Palavras chave: família, tradição, incesto.

INTRODUÇÃO

Lavoura arcaica é um romance intimista de primeira grandeza, no tocante ao fluxo de consciência e ao trabalho de linguagem que o autor emprega ao longo do romance, pois justamente através dessa linguagem empolgante que durante toda a primeira parte intitulado, A partida, é construída uma arrumação sintática de grande competência lingüística onde não há pontos continuativos apenas o ponto final que se insere no término de cada capítulo; é desse modo que essa linguagem prende e mantém os leitores enredados na aura de mistério que envolve e consome.

Tudo se dá no âmbito da linguagem e pela linguagem, a dor evidenciada em André, a relação que beira a doença entre os membros da família, a rigidez medieval dessas relações se concretizam inapelavelmente diante dessa linguagem que machuca o ato da leitura ao ver tanto desejo reprimido e aflorado.

¹ Graduada do curso de Letras Português pela UFS. Aluna do curso de Pós graduação em Escola e Comunidade do departamento de Educação da UFS.

² Graduada do curso de Letras Português pela UFS, professora da educação básica.

Lavoura arcaica é uma narrativa que enfatiza as relações familiares, mas as perpassa e nos chama a atenção a algo que o move e dilacera: o desejo, essa palavra que nos remete ao prazer, a dor, a alegria, a sofrimento. É através dela que a Lavoura nasce e é por ela que a Lavoura morre.

Esse desejo que caustifica as personagens de André e Ana é o sustentáculo das relações de toda uma família, ele é o vértice pelo qual as outras relações se fundamentam, ainda que de forma alheia. Tudo na lavoura é cheio de pragas, desde a partida de André até sua volta, basta atentar para os aspectos doentios e perturbadores desse relacionamento familiar.

Dentro desse discurso Lavoura é construída e constrói os que nela estão inseridos. O desejo vai permeando a vida das personagens de forma diferenciada e nos faz observar que cresce em cada um de acordo com o discurso que fora absorvido distintamente. Em Pedro, irmão mais velho de André, nasce o desejo de manter a família unida e de seguir os passos do pai terreno e do Pai altíssimo; em Ana o desejo aparece como um desejo carnal e também espiritual, porque nela eles se confundem e criam uma aura do que é lascivo e sublime. Na mãe vê-se um desejo latente ao mesmo tempo recalçado por André seu filho preferido. No pai, o desejo de uma família aos moldes das famílias sagradas judaica cristã e em André por fim, vê-se a maior das representações do desejo nesse romance, o desejo recalçado que antes sentia por sua mãe, ser a florado e explodir por Ana.

1. EM NOME DO PAI

A figura do pai em Lavoura arcaica é a representação do pai admirado e temido pelos filhos, que segue as regras e as impõe sem dor ou piedade, preocupado e zeloso, mas que reprime em todos que estão sob sua tutela o que é próprio do ser humano: o desejo, não

só o desejo espiritual, mas principalmente o carnal. Tudo em Lavoura arcaica nasce e morre diante do pai:

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à direita por ordem de idade, vinha o primeiro o Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. (NASSAR, 2006, p.154)

Dentro de suas regras há a ovelha desgarrada, André, que embora o respeite e admire, tem seus instintos aflorados e não pretende privar-se da essência do seu ser para seguir regras. Entretanto, era impossível fugir do destino e André sabia disso, retorna ao lar, ao poder do pai, mas já não fez mais nada em nome dele, vive, ainda que com ressalvas a alegria da liberdade.

Todo sofrimento de desejo reprimido vivido por André e sua tentativa de não decepcionar seu pai são frustradas quando este descobre o incesto em sua própria família: “(...) mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (...) era o guia, era a tábua, solene, era a lei que se incendiava” (NASSAR, 2006, p.191). Iohána viu todos seus ensinamentos serem destruídos dentro de seu próprio lar: “Pedro, meu irmão, eram inconsistentes os sermões do pai” (NASSAR, 2006, p.47).

Percebemos este recalçamento dos desejos explicitado na fala do pai:

O mundo das paixões é um mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com as farpas de tantas fiadas tecer um crivo estreito, e sobre este crivo emaranhar uma sebe viva, cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa, que cubra e esconda dos nossos olhos as trevas que ardem do outro lado. (NASSAR, 2006, p.54)

O desejo impede que o homem alcance o céu e sua santidade, por isso há que se afastar dele de forma definitiva, porque o mundo das paixões afasta o homem de Deus e de sua família, não deve haver nada mais importante que a família. É dentro dessa redoma de vidro centralizada em uma relação familiar doentia e repressiva que é construída toda esfera de desejo que consumirá as personagens e destruirá toda a família idealizada pelo pai.

2. EM NOME DA FAMÍLIA

A família é uma instituição regida por leis, normas e costumes que assinala direito e deveres de cada membro. Fora criada pelos homens, que ganhou forma e características peculiares em situações e tempos diferentes, para atender às necessidades sociais. Esta também exerce uma função ideológica, é responsável por inculcar nas crianças o sentido de autoridade. No romance *Lavoura arcaica*, André sente o peso dessa autoridade ao retornar à casa paterna de onde havia fugido outrora:

Cale-se! Não vem desta fonte a nossa água, não vem destas trevas a nossa luz, não é a tua palavra soberba que vai demolir agora o que levou milênios para se construir; ninguém em nossa casa há de falar com presumida profundidade, mudando o lugar das palavras, embargando as idéias. (NASSAR, 2006, p.167)

A maioria dos indivíduos vivem de maneira intensa o ciclo familiar e este age poderosamente no exercício da subordinação ideológica, que se faz presente desde o início da vida e é marcado por fortes componentes emocionais, que acabam formando profundamente a personalidade dos membros, o seu lado arredio, a não aceitação às regras impostas:

Toda ordem traz uma semente de desordem, a clareza, uma semente de obscuridade, não é por outro motivo que falo como falo. Eu poderia ser claro e dizer, por exemplo, que nunca, até o instante em que decidi o contrário, eu tinha pensado em deixar a casa (...), nem antes e nem depois de ter partido, eu pensei que pudesse encontrar fora o que não me davam aqui dentro. (NASSAR, 2006, p.58)

Para compreender este modelo de família atual é mister recorrer a outras formas que participaram para o surgimento da família nuclear mostrada no romance de Nassar. A família aristocrática e a camponesa – séculos XV e XVII – família proletária e burguesa – do século XIX.

A família aristocrata tinha seus bens assegurados em favores e no controle de terra, que era conservada. A sua continuidade era mantida através das relações entre parentes, pois o casamento não passava de um ato político. A vida sexual também tinha suas próprias regras. Já a família camponesa possuía uma elevada taxa de natalidade, a aldeia regulava o dia a dia de seus costumes e tradições. À mãe camponesa cabia a criação dos filhos, não havia muita preocupação com a higiene e a vida sexual das crianças, também não tinha uma preocupação maior com a domesticidade e com a privacidade.

Na família proletária, já no século XX, com a mudança da família operária para os subúrbios, onde ocorreu o desligamento com a comunidade, a mulher passou a isolar-se no lar e o homem começou a valorizar a domesticidade e a privacidade, a educação dos filhos ganha foco agora.

A família burguesa nasce na Europa (metade do século XVII), cria novos padrões de relações familiares, esses padrões atendiam às necessidades da nova classe dominante, que já vinha se estruturando no início do século XIX, através do fechamento da família em si mesmo. Surge assim a família nuclear, que definiram novos moldes, os papéis sexuais foram divididos de maneira a não deixar dúvidas.

Por causa do isolamento da família nuclear burguesa, a criança ficou na dependência total de seus pais para a satisfação de suas necessidades afetivas. Era função dos pais, principalmente da mãe suprir essas necessidades. Vemos essa característica muito clara na família de André:

Caí pensando nos seus olhos, nos olhos de minha mãe, nas horas mais silenciosas da tarde, ali onde o carinho e as apreensões de uma família inteira se escondem por trás, e pensei quando se abria em vago instante a porta do meu quarto ressurgindo um vulto maternal e quase aflito não fique assim na cama, coração. (NASSAR, 2006, p.15-16)

No âmbito social, a família passa então a ser a instituição mais difícil de ser contestada. As relações de poder existentes nesta deixa claro os papéis a serem desempenhados por cada membro. É na família que desenvolve o primeiro papel social, o de filho. Na família burguesa este tem como principal função à obediência aos pais, à submissão, que com o passar do tempo se transforma em aceitação dos valores dos pais e é tida como natural e necessária. André sente essas regras bem claras ao retornar depois de um tempo fora de casa:

Estou cansado, pai, me perdoe. Reconheço minha confusão, reconheço que não me fiz entender, mas agora serei claro no vou dizer: não trago o coração cheio de orgulho como o senhor pensa, volto para casa humilde e submisso, não tenho mais ilusões. (NASSAR, 2006, p.168)

2.1 A FAMÍLIA EM LAVOURA ARCAICA

A família, fonte de redenção e pecado é vivenciada por André de forma intensa, como se para ele, ela fosse algo que o corrompesse. O suposto desejo de possuir a mãe e ter concretizado isto com a irmã o afastaram de casa, o levaram para longe, porque embora ansiasse a concretização de tal vontade, temia a culpa e sofria pelo pecado cometido, já que sua formação religiosa o impulsionava a derrocada do espírito em detrimento da satisfação

do corpo. Assim, quando Pedro vai buscá-lo fica evidenciada essa confluência de sentimentos que o atormentam e confortam: “eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira (...) eu senti a força poderosa da família desabando sobre mim como um aguaceiro pesado enquanto ele dizia “nós te amamos, nós te amamos muito” (NASSAR, 2006, p.9)

Essa relação de dependência que a família tinha em relação um ao outro, é tão latente e desconfortante dentro de Lavoura arcaica que assusta e aliena de modo desajustado, pois o desejo que sustenta essa relação familiar parece só ser possível diante de todos os membros que a compõem: “bastava que um de nós pisasse em falso para que toda família caísse atrás; e ele falou que estando a casa de pé, cada um de nós estaria também de pé.” (NASSAR, 2006, p.21)

É imprescindível atentar para o fato de que é justamente nesse desejo de manter a família unida que nasce o desejo de André e Ana, que ao invés de unir a linhagem acaba afastando-a e corrompendo, ao menos no que concerne ao desejo do pai.

“(...) o desejo da vida que passa a consumir e a destruir as coisas exteriores para sua própria preservação, a consciência desejando afirmar-se pela supressão da exterioridade imediata que a sustenta. (...) a efetuação do desejo passa pelo desejo de suprimir a outra consciência submetendo-a a nossa, de tomar posse da consciência alheia e obrigá-la a nos reconhecer como humanos, de tal maneira que o desejo de cada um só possa efetivar-se pela mediação de uma perda.” (NOVAES, 2001, P.24)

André vê nas palavras de união a forma de realizar seu desejo e isentar-se da culpa, mas erra em suas reflexões ao ser tomado por uma cegueira na ânsia do seu prazer: “foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família.” (NASSAR, 2006, p.118)

3. EM NOME DE ANA

Era Ana, era Ana a minha fome (...), era Ana minha enfermidade, ela era a minha loucura, era ela o meu respiro, a minha lâmina meu arrepio, meu sopro. (NASSAR, 2006, p.107)

No romance de Raduan Nassar, André nutre uma paixão pela irmã mais nova, Ana. Oriundos de uma família de descendência libanesa tradicional, os filhos foram criados com os sermões do pai, carinhos da mãe e trabalhos na fazenda; é nesse ciclo fechado que André cresce e vive a angústia de desejar a irmã e depois o desespero por ter mantido uma relação incestuosa com ela.

Incesto é a prática de atividades afetivo sexuais entre familiares próximos, normalmente proibidas por meio de códigos penais, convenções sociais, crenças religiosas etc., as uniões entre mãe e filho, pai e filha, irmão e irmã, sempre foram proibidas. Houve uma época em que o incesto ocorria para manter a nobreza da família, mesmo assim era tido como algo pecaminoso do ponto de vista religioso e perigoso do ponto na óptica da genética. Seja como for relações desse tipo nunca foram benquistas por muitas sociedades.

O tabu do incesto é universal, essa regra é a primeira restrição sexual que os filhos recebem, em geral infringi-la implica em severos castigos até a morte em algumas sociedades, a mutilação ou o ostracismo. Quando o pai de André e Ana descobre da relação incestuosa dos filhos ele é possuído por uma incontável raiva: “meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental.” (NASSAR. 2006, p.191)

Nesse emaranhado de relações encontramos Ana, uma das personagens mais instigantes da narrativa. Ana possui uma carga emotiva extremamente forte, criada fechada dentro de uma família com preceitos religiosos muito arraigados, seguia à risca os ensinamentos que esta passava.

Todavia, esta personagem tão forte e decidida sucumbe à paixão desenfreada pelo irmão e depois disso fica apática, sombria, vive na resta de todos, perde o viço e a alegria que antes era tão latente nela. Oriunda de uma família tradicional Ana sente o peso do pecado, que de acordo com Vergote(2001) é uma denominação que pertence especialmente às religiões de origem judaico cristã. “A consciência moral é, evidentemente, o apoio humano necessário à uma consciência do pecado.” (VERGOTE, 2001, p.128). Nisto desemboca o sentimento de culpa e vergonha, estas por sua vez aparecem, na maioria das vezes, misturadas.

Muitos estudos antropológicos enfatizaram a diferença que vergonha e culpa possuem em distintas culturas. “Compreende-se então a afirmação de Nietzsche de que foram os judeus que inventaram o sentimento de culpa e que foram os sacerdotes que lhe deram o sinistro nome de pecado.” (VERGOTE, 2001, p.131). Então podemos dizer que a culpa teria tomado conta do seu ser, ou a certeza da impossibilidade de viver esse amor que era visto com olhos impuros pelos demais membros da família a deixara assim? “O sentimento de culpa apresenta também uma estrutura relacional. Nele a pessoa se refere também a um olhar que julga [...]. A vergonha leva-o a esconder-se; o sentimento de culpa, a reconhecer a falta e a confessá-la.” (VERGOTE, 2001, p.137)

As dúvidas e inquietação desse desejo perpassam toda narrativa, o sofrimento de Ana e André é como uma sombra escura que paira sobre o romance, aquela se torna triste, não há palavras para expressar o que aconteceu entre dois seres que aparentemente pareciam se completar, passando a impressão de que ela não agüentou a culpa de ter transgredido os padrões impostos pela sociedade e acaba entrando em desatino revelando sua decadência emocional seu desejo “impuro”.

4. A ORIGEM DO DESEJO

A palavra desejo deriva do verbo *desidero*, derivado do substantivo *sidus*, que significa a figura formada por estrelas ou constelação, representa o intermediário entre Deus e o mundo dos materiais, o desejo ou apetite de possuir alguma coisa ou alguém. Este sentimento é propício do ser humano, é uma manifestação do inconsciente, mas muitas vezes pode ser visto como uma doença, um risco de perda da razão ou perversão: “o desejo – Eros platônico (...) - deixou de ser motor e o móvel do universo para recolher-se no interior da alma, simples paixão humana.” (DUMOULIÉ, 2005, p.22)

“Afinal, a palavra desejo, em nossa cultura, designa comumente o movimento impetuoso, intenso e potente, da energia libidinal. (...) desejamos o que não temos, o que precisaria vir de fora, para nos preencher, nos completar.” (NOVAES, 1990, P.209)

Na relação de desejo algo é particular, não se deseja o outro, mas deseja-se ser o objeto de desejo do outro, segundo Novaes (1990). Esse poder é detido supostamente por Eros. No Banquete de Platão Eros tem o dom de converter em amante o amado, fazendo que o outro deseje o seu desejo. Pausânias fala da existência de amores. Este está ligado a Afrodite, como há duas deusas do amor – a Urânia ou Celestial, filha de Urano; e a Pandêmia ou Popular, filha de Zeus e Dione – por consequência há dois tipos de amor. Para os gregos antigos os homens acabam sendo inspirados por uma dessas deusas e quando isso acontece acabam vivendo as aventuras e desventuras do amor. No romance Lavoura arcaica temos duas personagens, André e Ana, que foram acometidos por uma dessas deusas:

“Foi um milagre, querida irmã, descobrimos que somos tão conformes em nossos corpos, e que vamos com nossa união continuar a infância comum, sem magoa para nossos brinquedos, sem cortes em nossas memórias, sem trauma para a nossa história.” (NASSAR, 2006, p.118)

Passando por cima de qualquer medo de punição André persegue o seu desejo de ter a irmã mesmo sabendo que socialmente e na família sofreria represarias. O desejo sentido causa nele muito sofrimento por não se sentir correspondido, mas o desejo como *Pathos* (sofrimento) parece o realizador, pois é legado que a vida iniciou quando também se iniciou o caso amoroso.

A todo momento, o narrador usa memória de flash backs para tentar fugir de um presente com o qual não se conformava, talvez ele usasse o tempo para se remeter a “tempos” em que se satisfazia com, a agora ausente, Ana. O tempo é o responsável pelas mudanças, ele que determina as fatalidades. Tempo e destino parecem ser a mesma coisa em Lavoura arcaica: “O tempo, o tempo é versátil, o tempo faz diabruras, o tempo brincava comigo (...), era um tempo só de esperas.” (NASSAR, 2006, p.93)

Será esse incesto uma forma de protesto escolhida por André para derrubar a prisão moral que o cerca? Ou realmente, a sua confusão psíquica com o complexo de Édipo e o recalque do seu desejo o levaram a ser desejante de uma figura de sua família, por assemelhar-se à mãe?

4.2 O DESEJO EDÍPICO

O processo do complexo de Édipo segundo a visão de Lacan se dá em torno da localização do lugar do falo no desejo da mãe, da criança e do pai, sob uma dialética do “ser” e do “ter”.

Essa relação estabelecida entre a mãe e a criança, uma relação de cuidados, faz a criança supor a mãe como objeto de seu desejo, com a intrusão paterna entre desejante e

desejada, inicia-se o registro de castração. A frustração sofrida pela criança levará a interdição do incesto.

Após esse momento inicia-se o declínio do complexo de Édipo, essa disputa em torno da mãe que tem o pai como rival da criança, e esta percebe o seu lugar de carinho filial. Agora, simbolicamente, a criança cria autonomia e pode “abandonar” a mãe, passa a ter controle de repeli-la ou de atraí-la.

O objeto de desejo é agora objeto de recalque e à medida que o pai substitui a mãe, a criança passa a associar a presença do pai com a ausência da mãe, com o pai exercendo o seu domínio como significante fálico, afastando a criança do seu assujeitamento imaginário e conferindo-lhe o status de ser desejante.

As representações simbólicas do desejo no complexo de Édipo são fundamentais para formar na mente da criança as barreiras simbólicas estabelecidas pelo pai, a mãe e a sociedade. Não conseguindo todas as etapas desse processo corre-se o risco de que ocorra o desejo incestuoso, coisa muito recriminada na sociedade cristã.

Em *Lavoura Arcaica*, Nassar nos apresenta personagens de uma família em que ocorreu um incesto não com a mãe, mas com a irmã. Nesse trecho fica clara a intenção de mostrar que a culpa do incesto, embora André não se sinta culpado, é do complexo de Édipo causado pelo desejo da mãe que predetermina o seu destino:

“mesmo assim não era impossível eu dizer, por exemplo, eu e a senhora começamos a demolir a casa, (...) não era com estradas que eu sonhava, jamais me passava pela cabeça abandonar a casa, jamais tinha pensado antes correr longas distancias em busca de festas pros meus sentidos.”
(p.66-67)

A rivalidade que alimenta contra o pai parece nos vir dessa mesma disputa pelo objeto de desejo que depois do declínio se torna desejante e se prende a um novo objeto de desejo: Ana.

André acusa sua paixão por Ana pelos extremos cuidados da mãe: “(...) que culpa temos nós dessa planta da infância, de sua sedução, de seu viço e constância? Que culpa temos nós se fomos duramente atingidos pelo vírus fatal dos afagos desmedidos?” (NASSAR, 2006,p. 129). Por não poder possuir a sua mãe como “deseja” André transfere toda essa paixão por Ana, mas mesmo assim vai contra toda a tradição da família. Ele ainda cita que “se o pai, no seu gesto austero, quis fazer da casa um templo, a mãe, transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma asa de perdição” (NASSAR, 2006, p.134), ou seja, mais uma vez ele culpa o excessivo carinho da mãe por estar “pecando”.

CONCLUSÃO

O romance de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*, nos traz uma atmosfera carregada de sentimentos e confusões íntimas. O protagonista André, após abandonar o seu lar e conhecer “os prazeres” e a dolorosa realidade que perpassa a vivência limitada pelas porteiras do sítio da família, retorna exigindo o seu lugar nunca antes ocupado na família.

O que nos salta aos olhos neste romance é a representação do desejo, Ana, a irmã de André, é seu objeto de desejo. O incesto funciona aí como fundamentador da tragédia, não pelo ato em si, mas pelo fato de abandonar ou desconsiderar ensinamentos religiosos básicos em que o pai cria e que insistia em passar a toda família.

Esta é uma instituição sagrada, para o patriarca do romance, que deve seguir os seus ensinamentos a fim de se proteger do pecado da carne, limitando todos às leis que defende

veemente como divinas. Quando vê um membro de sua prole distante trata logo de atraí-lo para o aconchego da família, pois os preceitos religiosos que possui são de fundamental importância para ele: “o cristianismo, fez do pecado uma oposição do homem a vontade de um Deus pessoal – oposição que não se manifesta apenas por atos exteriores, mas também por pensamentos e sentimentos.” (DELUMEAU, 2003, p.358)

Contudo, diante dessa pequena explanação detivemo-nos a tratar de forma geral da família, do desejo incestuoso que o personagem André mantém com a irmã Ana, a relação de poder do pai, a família como lugar sagrado e ao fim de tudo a contradição: os dogmas e o pecado cometido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Sergio e outros. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: A culpabilização no Ocidente**. Volume I. Bauru: EDUSC, 2003.
- DOR, Jôel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. 3º edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- DUMOULIÉ, Camille. **O desejo**. Petrópolis: vozes, 2005.
- FISHER, Helen E. **Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio**. Rio de Janeiro: Eureka LTDA, 1995.
- LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 15º edição. São Paulo: Ática, 1998.
- MAURE LANE, Silva T. **Psicologia social, o homem em movimento**. 3º edição. São Paulo: editora brasiliense, 1985.
- MAURE LANE, Silva T. **O que é psicologia social?** São Paulo: editora brasiliense, 1985.
- NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. 3º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NOVAES, Adauto. **O desejo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, FUNARTE, 1990.
- PAIVA, Geraldo José de (org.). **Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião**. São Paulo: Loyola, 2001. 182 p.
- PEREIRA, Aldo. **Vida íntima: Enciclopédia do amor e do sexo**. São Paulo: Editora Abril, 1981.
- PLATÃO. **O banquete ou do amor**. [S.E]/[S.L]

